**AS HUMANIDADES ANTE O ANTROPOCENO**

Quarta de quatro conversas on-line

**11 de maio** de 2023, das 15h às 17h

Como as Humanidades reagiram à proposta das Geociências de ser convencionada nova Época da História da Terra, posterior ao Holoceno?

Foi essencialmente a tal indagação que José Eli da Veiga, professor sênior do IEA/USP, procurou dar respostas no segundo livro do que virá a ser uma trilogia: ***O ANTROPOCENO E AS HUMANIDADES*** (Editora 34, abril de 2023).

Resvalaram nos mistérios da complexidade todas as pesquisas das humanidades científicas que encararam a proposta de Antropoceno como nova época da história da Terra. De forma explícita, no caso da Ciência da Sustentabilidade, mais acanhada no da Ecologia Política e bem heterogênea no âmbito das disciplinas mais tradicionais.

Ao mesmo tempo, enguiçavam as chamadas “novas ciências da complexidade”, depois de três décadas de notável entusiasmo. Desde 2015, nada de expressivo vem saindo dessa imensa Torre de Babel, o que gera muitas dúvidas sobre a bela profecia de Stephen Hawking segundo a qual a ciência deste século será a da complexidade.

Longe de supor ser premente a superação desse impasse em que se encontram as “novas ciências da complexidade”, o livro é uma aposta na possibilidade de que a teoria darwiniana – desde que bem entendida – possa ajudar a começar a procura do esperanto que poderá libertá-las da Torre de Babel que ergueram.

Também merece atenção a maneira como o livro resume a estranha dicotomia entre o temor de riscos existenciais para a sobrevivência da espécie humana, e da própria biosfera, e a crença (às vezes, concomitante na cabeça dos mesmos indivíduos) numa “Singularidade” tecnológica, muito próxima de uma versão secularizada do Nirvana.

Outra questão contemplada no livro é a celeuma entre os que consideram que “Antropoceno” é um termo perfeitamente adequado para descrever o atual (e vindouro) estado de coisas e os que propõem que “Capitaloceno” seria a melhor maneira de designar o mato sem cachorro no qual nos enfiamos enquanto espécie.

**OS CONVIDADOS:**

**JULIA GUIVANT** é professora titular aposentada da UFSC, onde atua como professora voluntária permanente no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (mestrado e doutorado), assim como no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Também é pesquisadora do CNPq desde 1993; coordenadora do Instituto de Pesquisa em Riscos e Sustentabilidade (IRIS), vice-presidente na diretoria da ESOCITEbr, membro do INCT-MC2 (pesquisadora visitante FAPESP) e *lead Faculty of the Earth System Governance Project*. Tem mestrado e doutorado em Sociologia pela Unicamp e graduação em Filosofia pela Universidade Nacional del Sur (Argentina). É autora de “*O legado de Ulrich Beck*”:

 <https://www.scielo.br/j/asoc/a/VMkgyWKytMgnvbF8dchY9sQ/?lang=pt&format=pdf>

**[+ PDF anexo]**

**SANDRO SCHLINDWEIN**, professor titutar da UFSC, é formado em Agronomia (1987) pela mesma Universidade e doutor em Ciências Agrárias pela Universidade de Göttingen – Alemanha (1992). Realizou pós-doutorado no *Systems Department da Open University* – UK (2003/2004) e seus principais interesses incluem a adaptação à mudança climática, governança de sistemas social-ecológicos e pensamento sistêmico para lidar com situações de complexidade. É membro do *Board of Directors da World Organisation of Sytems and Cybernetics* (WOSC) e editor associado de *Kybernetes*. Também editou o livro ***Systemic Conversation Among Friends*** **[PDF anexo]**